

SCOTT HAHN
com Emily Stimpson Chapman

ESPERO MORRER

O SIGNIFICADO CRISTÃO DA MORTE E RESSURREIÇÃO DO CORPO



Introdução

UMA RESPOSTA ADEQUADA AO CORPO

Em 1982, preguei o meu primeiro sermão num funeral. Tinha acabado de ser ordenado, a minha avó tinha morrido, e a minha família queria que eu presidisse à cerimónia. Muitos dos detalhes do funeral perderam-se na neblina do tempo. Mas lembro-me de uma coisa muito claramente.

Durante o sermão, eu preguei sobre as palavras de Jesus em João 11,25: «Eu sou a ressurreição e a vida.» A certa altura, mencionei que o corpo da minha avó – o mesmo corpo que tinha vivido, trabalhado e amado em vida – um dia ressuscitaria. O corpo que estava morto viveria. A carne que começava a degradar-se seria transfigurada e entraria numa vida mais real e mais gloriosa do que alguma vez tinha conhecido na Terra.

Este era o ensinamento antigo do Cristianismo e uma das mais fundamentais crenças expressas no Credo ou Símbolo dos Apóstolos: «Creio [...] na ressurreição da carne; e na vida eterna.» Tanto protestantes como católicos professam este Credo, e por isso, quando o afirmei, não pensei que estava a dizer algo assim tão chocante.

Porém, depois de o funeral ter terminado, a minha mãe veio ter comigo – a minha mãe praticante e cheia de fé – e disse:

«Não acreditas mesmo nisso, pois não?»

«Acredito em quê?», perguntei.

«Que estes corpos vão ressuscitar», replicou.

Nesse momento, o seu ceticismo surpreendeu-me. Mas, ao longo dos anos, tenho-me apercebido de que ela não está sozinha. Muitos de nós não acreditamos realmente na ressurreição do corpo. Ou lutamos para acreditar nisso. Citando Santo Agostinho, o *Catecismo da Igreja Católica*¹ reconhece esta luta, afirmando:

Desde o princípio, a fé cristã na ressurreição deparou-se com incompreensões e oposições. «Não há ponto em que a fé cristã encontre mais contradição do que o da ressurreição da carne.» É bastante comum a aceitação de que, depois da morte, a vida da pessoa humana continua de modo espiritual. Mas como acreditar que este corpo, tão manifestamente mortal, possa ressuscitar para a vida eterna? (*CIC*, 996)

Penso que a maioria de nós acredita que teremos um novo corpo quando entrarmos na vida eterna ou no Dia do Juízo. Mas não vemos como é que este corpo – este corpo mortal e fraco que come e dorme, apanha frio e sangra – poderia alguma vez ressuscitar para a vida eterna. Certamente Deus tem melhor material com o qual trabalhar, não?

Mais uma vez, o Credo diz outra coisa. E o grego original di-lo de forma mais explícita. Os primeiros cristãos não usavam a palavra grega para corpo: *soma*. Eles usavam a palavra grega para carne: *sarx*. De cada vez que rezamos o Credo, é isso que dizemos: Eu acredito na ressurreição da carne – desta carne, a minha carne, a minha carne cansada,

¹ Doravante, será abreviado para *CIC*. [N.R.]

envelhecida, imperfeita. Eu acredito que este corpo estará um dia diante do trono de Cristo e adorá-l'O-á com todos os anjos e santos. No entanto, apesar de tudo o que dizemos, poucos de nós realmente o vivemos.

Em vida, não tratamos os nossos corpos como templos sagrados que pertencem às cortes celestiais. Ou abusamos deles – comendo muito ou pouco, negando-lhes o sono, não lhes dando o descanso devido, enchendo-os com substâncias tóxicas, e entregando-os a propósitos imorais. Ou então adoramos-los – fazendo tudo o que podemos para os recriar em algum ideal cultural. Às vezes, fazemos ambas as coisas, enquanto também fazemos tudo o que podemos para manter sob controle os sinais de fraqueza e envelhecimento corporal. A morte, quase todos concordam, é um grande mal.

Mas quando a morte chega, como é que tratamos estes corpos?

Hoje, cada vez mais pessoas queimam-nos. Não enterramos os nossos corpos. Não os tratamos como os nossos antepassados faziam, com reverência e carinho. Em vez disso, destruimos a carne com o fogo, esmagamos os ossos que resistem às chamas, e depois, frequentemente, espalhamos os restos mortais, destruindo todas as provas de que este corpo – este corpo sagrado no qual o Espírito de Deus habitou – alguma vez existiu.

Vivemos como materialistas. Morremos como niilistas. E isso é um problema.

Um testemunho singular

Antes de avançar, quero deixar algumas coisas claras. Primeiro, este livro não pretende ser mais um contributo para guerras culturais. Tenho um grande respeito por aqueles que defendem na praça pública a dignidade do corpo humano, a santidade da vida humana e a verdade da nossa sexualidade. Este livro dá esses pontos por adquiridos. Mas eu não escrevo este livro para entrar nesses debates.

Segundo, se está a ler este livro e tem um ente querido que foi cremado, por favor, não pense que estou aqui para condenar a decisão dele ou para o fazer questionar a sua salvação. Não estou. As pessoas não estão perdidas para Deus quando se perdem no mar, e não estão perdidas para Deus quando são cremadas. A Igreja agora permite a cremação, e eu não estou aqui para vos dizer que a Igreja está errada. Ao mesmo tempo, a prática cada vez mais difundida da cremação parece-me ser um sintoma de um problema muito real do modo como vemos os nossos corpos, na vida e na morte. E esse modo de ver tem consequências.

A verdade central da fé cristã é que Jesus Cristo, Deus-feito-homem, ressuscitou. Como a autora francesa, poetisa e mística Madeleine Delbrêl tão lindamente escreveu, os primeiros discípulos deixaram Jerusalém:

Não para proclamar alto e em primeiro lugar o amor universal que Jesus lhes tinha ensinado, a justiça para os pequeninos [e] para os fracos e oprimidos [...] mas para proclamar alto e primeiro que Jesus Cristo, o homem que era nosso amigo [...], que foi cuspidor, escarnecido, golpeado e açoitado, que foi torturado no meio de risota e pendurado numa cruz, que sangrou até secar,

que soltou o seu último suspiro com um gemido, que gelou na cruz [e] de quem ninguém duvidou que estava morto [...] esse Jesus Cristo ressuscitou.²

É isto que diferencia o Cristianismo de tantas outras religiões. O Hinduísmo proclama a compaixão. O Budismo incentiva as pessoas a fazer obras de caridade. O Islão pede às pessoas que adorem o único Deus verdadeiro.

Mas apenas o Cristianismo diz que Aquele que seguimos é Deus. Ele tornou-Se homem, caminhou entre nós, sofreu e morreu na cruz, e levantou-Se dos mortos, *nesse mesmo corpo*... um corpo que trazia as marcas dos pregos e da lança.

Mas há mais. O Cristianismo também diz que todos os que acreditam nesse Homem Ressuscitado seguirão o mesmo caminho. Sofreremos. Morreremos. E ressuscitaremos. O que aconteceu ao seu corpo acontecerá aos nossos corpos. Para onde Ele foi, nós segui-l'O-emos – em espírito e na carne.

Acreditar nisto muda tudo. *Mudou* tudo. A autora católica Patricia Snow escreve:

Do Evangelho primário da Ressurreição [...] o Evangelho secundário fluiu: a moralidade de todo o tipo que toca a pessoa humana. Tudo o que Jesus ensinou e que a modernidade ocidental aprova – consideração pelo próximo e pela criança, o marginal e o oprimido – e tudo o que Ele ensinou e que a modernidade contesta – a importância da pureza sexual, por exemplo, como algo inseparável da saúde espiritual – dirige-se, eventualmente, se não imediatamente, da revelação à ressurreição.

² DELBRËL, M. (2000). *We, the Ordinary People of the Streets*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, pp. 186-187.

[...]. Se o homem inteiro é imortal, daí decorre uma moralidade abrangente. Se a religião é simplesmente espiritual – se o corpo é um recurso temporário e só a alma perdura –, em última análise, tudo pode ser permitido.³

Da doutrina da Ressurreição fluiu uma moralidade. E de uma moralidade fluiu uma cultura. Miguel Ângelo e Frei Angélico, Bach e Mozart, Shakespeare e Mendel – arte, música, literatura, ciência, tudo aquilo a que chamamos grandioso foi enraizado na ideia de que o homem estava destinado a mais, em corpo e alma, e que tal destino tornou o mundo – a sua casa – sagrado. Tornou a matéria sagrada. Tornou a vida sagrada.

Porém, hoje, no Ocidente pós-cristão, verdades que em tempos pareciam evidentes estão a ser rapidamente esquecidas. Esquecemos para que é que os nossos corpos foram feitos. Esquecemos para Quem foram feitos. E esse esquecimento mostra-se na forma como vivemos, como morremos e como tratamos aqueles que morreram.

Uma resposta adequada

A Nova Evangelização – a missão da Igreja para reevangelizar os descristianizados – é uma campanha que tem de ter lugar em várias frentes. O seu sucesso requer uma catequese sustentada e que toque todos os aspetos da vida humana: desde como adoramos e rezamos até como amamos, comemos, trabalhamos e, *não menos importante*, como enterramos os nossos mortos.

³ SNOW, P. (outono de 2012). «The Body and Christian Burial: The Question of Cremation», in *Communio*, 39, pp. 398-412.

Como tratamos os nossos corpos na morte importa. Não porque Deus não possa contornar o que quer que façamos com os nossos corpos. Ele pode. Mas porque o modo como os cristãos lidam com a morte – como pensamos sobre a morte, como falamos da morte e como tratamos a morte – é uma forma de testemunho. É um testemunho para um mundo radicalmente confuso, materialista e niilista, sobre a santidade dos nossos corpos e sobre a vida para a qual fomos criados. Não fomos feitos para a morte. Fomos feitos para a vida.

O objetivo deste livro é ajudá-lo a ver isso. É ajudar a ver mais profundamente a lógica subjacente aos ensinamentos da Igreja sobre a morte e o corpo – a lógica do amor – para que possamos compreender porque é que ela, ainda agora, incentiva os católicos a enterrar, e não a queimar, os mortos. O enterro não é estritamente necessário. A Igreja tem sido clara sobre isso. Mas é apropriado. A Igreja também tem sido clara nisso. Neste livro, exploraremos porque é que é apropriado enterrar os mortos, e porque é que este entendimento de «adequação» tem implicações que vão muito além do que fazemos com os nossos corpos depois de a vida os ter abandonado.

Daremos também ferramentas para que possa partilhar este entendimento da morte e do corpo com as pessoas que ama.

Muito frequentemente, as conversas mais importantes sobre a fé acontecem num de três momentos na vida: nos nascimentos, nos casamentos e nas mortes. Os nascimentos abrem o coração, ajudando-nos a tomar consciência de que os nossos corpos são muito mais do que pensamos e que a sexualidade é muito mais poderosa do que pensávamos.

Os casamentos têm um efeito parecido, mostrando-nos que o amor é muito mais poderoso, belo e exigente do que imaginávamos. E a morte? A morte ensina-nos que somos mais fracos do que pensávamos – somos mortais – e que deve haver algo mais do que isto. Deve haver um amor mais forte do que a morte. Esse tipo de amor é o anseio mais profundo de todos os nossos corações. É o amor para o qual fomos feitos. E à medida que a vida se aproxima do fim, os nossos corações anseiam mais por ele, não menos.

Quando esses momentos se aproximarem para as pessoas que ama, a minha esperança é que este livro o ajude a entrar mais profunda e proveitosamente nas conversas que envolvem esse momento.

Porém, devemos começar pelo princípio. De modo a compreender que somos feitos para a vida, e não para a morte, primeiro precisamos de saber o que são a vida e a morte.